

A CRISE ENERGÉTICA E O FUTURO DO ALGODÃO

Sebastião Nogueira Junior

1 - PANORAMA MUNDIAL

O algodão representa importante fonte geradora de renda interna, emprego e receita cambial, em especial para os países em desenvolvimento, produtores dessa fibra.

A produção mundial de algodão em pluma tem se mostrado instável nos últimos 5 anos, principalmente devido à concorrência das fibras sintéticas (derivados de petróleo), que restringe o consumo da pluma. A área cultivada constitui-se no principal reflexo desta influência, sofrendo seguidas alterações, já que a produtividade tem permanecido praticamente inalterada no período considerado.

A tendência de preços de algodão nos últimos anos tem sido decrescente, em virtude do pequeno acréscimo do consumo em relação à oferta, propiciando a formação de grandes excedentes nos países produtores. No último quinquênio, o consumo médio foi de 13,2 milhões de toneladas, para uma produção de 13,0 milhões de toneladas. Os estoques, por sua vez, estão ao nível de 18,6 milhões de toneladas (quadro 1).

A instabilidade da oferta de algodão em pluma tem, inclusive, contribuído para a conversão de fábricas têxteis de algodão, para outras fibras artificiais, cujas matérias-primas apresentam oferta menos flutuante, possibilitando melhor previsão de preços.

Por outro lado, a disponibilidade interna de algodão tem possibilitado a instalação de indústrias têxteis nos próprios países produtores, já que para a utilização de fibras alternativas haveria necessidade de importação. Rayon e polyester são as fibras que oferecem maior competição ao algodão, sobretudo motivada pela ampla campanha promocional desenvolvida para incentivar o consumo destes produtos, cujos preços têm sido bem inferiores aos do algodão, conforme pode-se observar na série histórica referente aos Estados Unidos (quadro 2).

O polyester, a despeito da inflação mundial generalizada, apresentou tendência de preços nominais declinante, o que reforça o aspecto competitivo desta fibra.

O algodão, que respondia por 60,7% do total de fibras consumidas no mundo em 1967, teve sua participação relativa diminuída para 47,5% em 1978, enquanto as fibras sintéticas ascenderam de 14,0% para 35,5% no mesmo período. O volume consumido de lã e fibras celulósicas (rayon e acetato), por sua vez, permaneceu estável, significando deste modo perda na participação relativa (quadro 3).

QUADRO 1 - Situação Mundial do Algodão, 1974/75 a 1978/79

(em milhões de toneladas)

Ano agrícola (¹)	Produção	Consumo	Estoque
1974/75	14.022	12.684	19.578
1975/76	11.746	13.291	18.603
1976/77	12.478	13.183	17.821
1977/78	13.892	13.161	18.537
1978/79	13.059	13.573	18.429
Média	13.039	13.178	18.594

(¹) De 1º de agosto a 31 de julho.

Fonte: Comitê Consultivo Internacional do Algodão

QUADRO 2 - Preços Correntes de Algodão e de Fibras Artificiais nos Estados Unidos, Posto Fábrica

(em cents/libra)

Ano	Algodão	Rayon	Polyester
1968	35	25	56
1969	30	26	45
1970	29	25	41
1971	32	27	37
1972	37	31	35
1973	61	33	37
1974	62	51	46
1975	52	51	48
1976	74	54	53
1977	66	58	56
1978 (¹)	64	58	54

(¹) Janeiro a junho.

Fonte: Departamento de Agricultura dos Estados Unidos.

QUADRO 3 - Consumo Industrial Mundial das Principais Fibras Têxteis

(em 1.000 toneladas)

Ano	Algodão	Lã	Rayon e acetato	Sinté- ticas	Total
1967	11.639	1.473	3.314	2.730	19.155
1968	11.736	1.565	3.528	3.578	20.407
1969	11.854	1.604	3.555	4.178	21.191
1970	12.055	1.571	3.436	4.700	21.762
1971	12.360	1.547	3.455	5.609	22.971
1972	12.921	1.527	3.559	6.377	24.384
1973	13.287	1.452	3.661	7.640	26.040
1974	13.251	1.307	3.532	7.487	25.577
1975	12.915	1.375	2.959	7.346	24.595
1976	13.548	1.494	3.211	8.575	26.828
1977	13.153	1.440	3.255	9.047	26.895
1978	13.325	1.470	3.315	9.946	28.056

Fontes: Comitê Consultivo Internacional do Algodão, Commonwealth Secretariat (lã) e Textile Organon (fibras artificiais).

Assim, enquanto a taxa de crescimento da utilização de algodão apresentou ligeiro aumento (+1,2%a.a.) no período 1967-78, comparada à taxa anual de 3,5% para o total de fibras, as fibras sintéticas apresentaram um crescimento de 12,5%, enquanto que lã e fibras celulósicas, por sua vez, permaneceram estáveis.

Mesmo face às características positivas de durabilidade e resistência das fibras químicas, o algodão ainda tem preferência, graças à maciez e conforto oferecidos.

Apesar da expansão da capacidade mundial de produção de fibras sintéticas ter sido menos acentuada a partir de 1974 (quando cresceu 8,5% em relação ao ano anterior), como consequência da crise energética e devido à recessão econômica geral, há no momento grande preocupação por parte dos países desenvolvidos, que respondiam por 67,9% do total produzido em 1978, em conter a produção. Esta intenção poderá se fortalecer com os últimos acontecimentos mundiais, que envolvem sobretudo grandes países produtores de petróleo, matéria-prima utilizada na fabricação do polyester.

Um aspecto interessante a ressaltar na competição entre fibras

tem sido a pequena utilização de rayon e acetato (celulósicas), em razão da superioridade das fibras sintéticas para usos finais e ainda das freqüentes mudanças da moda.

As perspectivas de produção de algodão para 1979/80 são de aumento da ordem de 7,0% em relação à temporada anterior (13,0 milhões de toneladas), não só devido à esperada elevação da produtividade, mas sobretudo à expansão da área cultivada. Maiores incrementos deverão ocorrer nos Estados Unidos, Rússia e China, principais produtores mundiais.

Diante desta situação, a expectativa é de que a formação de grandes estoques deverá provocar declínio de preços, o que poderá favorecer o comércio mundial de algodão, principalmente com a iminente alta dos preços das fibras sintéticas. De janeiro a novembro de 1979, o preço do polyester apresentou elevação de 21%, comparada a 4% verificada para o algodão no mesmo período.

2 - SITUAÇÃO INTERNA

No âmbito interno, a situação do algodão vem agravando-se a partir de 1973, época em que as cotações internacionais do produto estavam em acentuada elevação e houve contingenciamento à exportação do produto brasileiro, sobretudo visando proteger a indústria têxtil nacional. Assim, muitos cotonicultores desistiram da atividade, passando a se dedicar a outras culturas, principalmente soja.

De 1973 a 1979, a área cultivada com algodão em São Paulo, principal Estado produtor, foi reduzida de 430,0 mil hectares para 283,6 mil hectares. Em termos de Brasil, a redução foi menos drástica, dadas as menores opções existentes para os agricultores das regiões Norte/Nordeste.

A partir de 1974 o Brasil tornou-se um exportador irregular de algodão em pluma, impossibilitado de concorrer no mercado mundial, devido aos seus elevados custos de produção, a não ser graças a eventuais incentivos especiais. Os têxteis, por sua vez, têm mostrado bom desempenho, graças aos incentivos concedidos, visando superar as medidas protecionistas impostas pelos importadores.

A concessão de incentivos à exportação de têxteis tem, de certa forma, beneficiado a indústria nacional (mas nem sempre estendendo os benefícios aos cotonicultores), já que não resta outra opção ao comércio da pluma, em vista da impossibilidade de exportação.

A exemplo do que vem ocorrendo no mundo, no âmbito do Estado de São Paulo o consumo de fibras sintéticas pela indústria de fiação tem apresentado a maior taxa de crescimento nos últimos anos, entre todas as utilizadas, apesar da manutenção da representativa participação do algodão (quadro 4).

QUADRO 4 - Consumo de Matéria-prima pela Indústria Paulista de Fiação,
1973 a 1978

(em tonelada)

Ano	Algodão	Celulósicas	Sintética	Total
1973	173.384	9.292	8.119	190.795
1974	174.195	7.850	10.425	192.290
1975	177.666	6.751	11.424	195.841
1976	203.747	7.192	13.178	224.117
1977	190.998	6.457	15.759	213.214
1978	212.957	7.774	17.428	238.158

Fonte: Bolsa de Mercadorias de São Paulo.

No que diz respeito aos custos de produção, o algodão constitui-se na atividade que mais utiliza fertilizantes (principalmente nitrogerados) e defensivos, quando comparada a outras culturas anuais. No Estado de São Paulo, média, 38,0% dos componentes de custo de produção de algodão dizem respeito à utilização de adubos e corretivos e 20% a defensivos (quadro 5). Devido ao seu baixo peso específico, o algodão ainda tem o inconveniente de apresentar elevado custo de transporte.

Caso persista a tendência de acentuadas elevações de preços de insumos, em parte devido à crise energética, e ainda por restrições à entrada de produtos importados (produtos finais e matérias-primas), visando proteger a indústria nacional de fertilizantes e defensivos, mas encarecendo o produto final, o suprimento de algodão poderá ser comprometido, a menos que a produtividade alcançada em anos recentes seja mantida e que a utilização de fibras sintéticas se torne desfavorável.

QUADRO 5 - Participação Percentual dos Itens Componentes das Estimativas de Custo Operacional para as Principais Culturas Anuais, Estado de São Paulo, 1979/80

Cultura	Mão-de obra	Semente	Adubo e corretivo	Defensivo	Operação de máquinas	Depreciação	Total
Algodão TMA (1)	18,3	1,7	38,9	23,4	14,0	3,7	100,0
Algodão TMA (2)	19,0	2,3	36,9	17,4	18,5	5,9	100,0
Amendoim das águas TM (1)	21,2	25,9	23,1	10,0	15,0	4,8	100,0
Arroz de sequeiro TM (1)	17,2	6,1	18,7	0,9	44,9	12,2	100,0
Feijão das águas TMA (3)	24,4	6,0	28,9	17,4	18,3	5,0	100,0
Milho TM (1)	11,2	2,7	43,7	0,6	32,8	9,0	100,0
Soja TM (1)	7,4	11,1	35,3	15,2	23,9	7,1	100,0
Trigo TM (4)	3,7	21,3	39,8	9,1	20,6	5,5	100,0
Sorgo TM (1)	9,7	5,7	44,7	1,0	30,7	8,2	100,0
Mamona TMA (5)	56,9	0,5	16,6	0,7	19,6	5,7	100,0

(1) DIRA de Ribeirão Preto; (2) DIRA de Campinas; (3) DIRA de Sorocaba; (4) DIRA de Marília; (5) DIRA de Presidente Prudente.

Obs.: Tecnologia utilizada: TM = tração motomecanizada; TMA = tração motomecanizada e animal.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.